

A poética das mornas de Eugénio Tavares

Genivaldo Rodrigues Sobrinho*

Resumo

A morna, documento de registro da consciência coletiva, recorte de um patrimônio histórico, cultural e humanístico, submetida à mestria da pena de Eugénio Tavares, constituirá, além de uma marca identitária crioula, um dos marcos do lirismo literário cabo-verdiano. Este artigo tem por objetivo, portanto, apresentar um breve estudo a respeito da riqueza poética das mornas de Eugénio Tavares.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana; Eugénio Tavares; **Mornas**; Poesia.

*Corpo, qu'ê nègo, sa ta bai;
Coraçom, qu'ê forro, sa ta fica...¹*

Essa passagem, extraída de um “batuque” tradicional da ilha de Santiago, que Eugénio Tavares incorpora no seu mais famoso texto, refere-se a base escravocrata sobre a qual se formou a sociedade crioula e indicia importantes aspectos do imaginário do cabo-verdiano, que, devido a variáveis geográficas e econômicas, é forçado a deixar a terra-mãe, desértica e pobre em recursos naturais, rumo à “terra-longe”.

A relação com o mar, numa pátria-arquipélago, constitui-se em um dilema cujos polos são: a insularidade, gerada pela sensação de isolamento – sobretudo no período colonial, quando o mar trazia a “caravela da opressão secular”, segundo Ovídio Martins; por outro lado, o mar propicia a sobrevivência e a ligação com a “terra-longe” e com o mundo. Ele tem o poder de isolar cada uma das ilhas, bem como o arquipélago como um todo. Entretanto, ele também tem o poder de servir como elo entre Cabo Verde e os demais países para onde seus filhos costumam emigrar. Fomenta os sonhos daqueles que aspiram partir em busca de uma vida mais tranquila. O mar, portanto, é o caminho que leva o cabo-verdiano para outras paragens e que permite à sociedade de Cabo Verde sustentar um olhar direto com o mundo exterior.

* Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

1 - “O corpo, que é escravo, vai;/ O coração, que é livre, fica...”

Nesse sentido, o mar funciona como um mediador, que não apenas provoca a separação, permitindo aos cabo-verdianos a vivência de outros mundos, mas atua como traço de união entre os que partem e aqueles que, por razões várias, permanecem na terra natal. O mar é, em muitas composições, personificado como um deus mítico, mensageiro, que dialoga diretamente com o poeta.

De acordo com o antropólogo cabo-verdiano João Lopes Filho:

O mar é responsável pela insularidade, mas também pela viagem, o que implica emigração e evasão, tendo em conta que, até há poucas décadas, era através dele que se podia sair da terra, voltar ou permanecer no estrangeiro (permanência e errância). (LOPES FILHO, 2007, p. 25).

Vasco Martins acrescenta outro argumento a esta discussão:

O Mar, elemento mais constante e misterioso da ilha, e que dá a possibilidade de partir ou de pura evasão, é também uma fonte de inspiração para a poesia mornista. (...) O mar evoca quase sempre uma coisa desconhecida, misteriosa e dramática, e que produz evocações da morte. (MARTINS, 1988, p. 91).

E enfatiza:

O mar é nostalgia

O mar abismo profundo, indiferente à alma humana, é a sepultura da amada em Eugénio Tavares.

Aliás, é de notar que a saudade é um facto sentimental imprescindível e que para o mornista tem que existir para o aprofundamento das emoções.

O mar, fazendo parte do imaginário cabo-verdiano, encontra na Morna uma possibilidade poética deveras sugestiva. O mar mensageiro é a temática mais interessante. (MARTINS, 1988, p. 92).

Dessa forma, um núcleo rentável para o estudo das mornas eugenianas é o do “terra-longismo”, que abriga temáticas como a partida, o exílio, a saudade, o mar.

A partida e toda a dor decorrente da experiência daqueles que emigram servirão de tema para diversas composições. A “Morna de despedida” torna-se, assim, um clássico da lavra de Eugénio Tavares:

Morna de despedida

Hora de bai,
Hora de dor,
Ja'n q'ré
Pa el ca manchê!
De cada bez
Que 'n ta lembrâ,
Ma'n q'ré
Ficâ 'n morrê!

Hora de bai,
Hora de dor!
Amor,
Dixa'n chorâ!
Corpo catibo,
Bá bo que é escrabo!
Ó alma bibo,
Quem que al lebado?

Se bem é doce,
Bai é maguado;
Mas, se ca bado,
Ca ta birado!
Se no morrê
Na despedida,
Nhor Des na volta
Ta dano bida.

Dicham chorâ
Destino de home:
Es dor
Que ca tem nome:
Dor de crecheu,
Dor de sodade
De alguem
Que'n q'ré, que q'rem...

Dicham chorâ
Destino de home,
Oh Dor
Que ca tem nome!
Sofrí na vista
Se tem certeza,
Morrê na ausencia,
Na bo tristeza!

Morna de despedida

Hora da partida,
Hora de dor,
É meu desejo
Que não amanheça! (não chegue a hora)
De cada vez
Que a lembro,
Prefiro
Ficar e morrer!

Hora de partida,
Hora de dor!
Amor,
Deixa-me chorar!
Corpo cativo,
Vai tu que és escravo!
Ó alma viva,
Quem te há de levar?

Se a chegada é doce,
A partida é amarga;
Mas se não se partir (mas quem não parte)
Não se regressa! (não regressa)
Se morrermos
Na despedida,
Deus no regresso
Dar-nos-á vida.

Deixa-me chorar
Destino de homem:
Oh dor
Que nem nome tem:
Dor de amor
Dor de saudade
De alguém
Que eu quero, que me quer...

Deixa-me chorar
O destino do homem,
Oh Dor
Que não tem nome!
Sofrer junto de ti
Sem ter uma certeza,
Morrer na ausência,
Com a tua tristeza!

(TAVARES, 1969, p. 41-42).

Segundo interpretação de Moacyr Rodrigues e Isabel Lobo (1996), o tema da partida para a América, em fuga ao flagelo da fome, retomado mais tarde por B. Lèza, motivou Tavares a produzir os seus mais belos versos:

Apesar da “situação de partida” ser secular e ter sido normal durante o período escravocrata, Cabo Verde, após o desenvolvimento da “nação cabo-verdiana”, passou a reagir como uma família, um todo, e não como uma sociedade despersonalizada, constituída por gente arrumada “como gado”, daí o acto de partir ser pungente e não algo que se desejava e estava na psique cabo-verdiana. Sempre foi algo sofrido na carne com a separação, forçada não só pelo destino, como pelos senhores da terra. (RODRIGUES; LOBO, 1996, p. 70 – grifos dos autores).

Não esqueçamos de que a época em que Eugénio Tavares viveu foi a da emigração para a América, de fomes seguidas, de luta política de monárquicos contra republicanos e de perseguições constantes de ideias defendidas. Partir, portanto, não pressupõe negar a terra, esquecê-la, porque supõe sempre um regresso ou o desejo dele.

A “Morna de despedida” pode ser considerada uma das mais completas criações de Eugénio Tavares, uma vez que nela podemos encontrar os temas mais relevantes das mornas cabo-verdianas. O sujeito poético agarra-se à dor daqueles que, “escravos” da situação pouco animadora vivida pelas ilhas cabo-verdianas na época, necessitam partir para fugir aos problemas, numa eterna busca por melhores condições de vida para si próprios e para os entes queridos que ficam. No poema, o leitor pode perceber toda a tristeza do eu lírico pelo fato de ter que deixar a terra natal.

Na primeira estrofe, registramos esse momento como o instante da dor, como podemos observar nos dois primeiros versos: “Hora da partida,/ hora da dor”. Para prolongar os momentos que lhe restam, ao poeta cabe somente desejar que não amanheça, que não chegue essa hora tão indesejada. Todavia, como consolo, o sujeito lírico observa que só aquele que partiu pode voltar (momento de felicidade): “Mas se não se partir/ Não se regressa!”

É no poema que o eu lírico se encontra identitariamente e pode falar da “terra-longe”, da distância, da saudade, numa nostalgia que um dia certamente terminará, ao retornar à Terra e ao Amor.

Observa-se que “Amor” vem grafado em maiúscula, podendo representar tudo o que se ama. Com efeito, podemos deduzir que aqui se unem todos os tipos de “Amor”, que marcam o coração do sujeito poemático, com relevo para o Amor à Terra-Mãe: “Se morrermos/ Na despedida,/ Deus no regresso/ Dar-nos-á vida”.

Sem dúvida, foi Eugénio Tavares quem melhor expressou e cantou, em suas composições, o registro da dor, da saudade, da partida e também do regresso daqueles que, por um motivo ou outro, tiveram que deixar o seu país. E, ainda que o mundo da literatura venha a ser aquele das “coisas inventadas”, não podemos fazer vista grossa aos conceitos do real, existentes nas cantigas produzidas pelo poeta bravense.

Esse artista popular cabo-verdiano, com seu espírito observador e repleto de determinação, soube, como ninguém mais, buscar, nas tradições socioculturais de seu pequeno país e da época por ele vivida, os motivos para a composição de seus versos e textos. E, ainda, teve a inspiração para recriá-los e recheá-los de poesia, mantendo um estilo próprio e encontrando novas maneiras de cantar a morna, diferentemente das mornas antigas da Boavista, ilha tida como berço dessa modalidade musical.

É com propriedade que Vasco Martins afirma que:

A saudade e a partida também fazem parte do universo literário da Morna. Depois da temática do amor, é a inspiração mais frequente. Cabo Verde, país de emigração maciça, país de ilhas e de Oceano, possui na sua alma a mitologia da partida que tem sempre um regresso ou pelo menos a idéia do regresso. A saudade é um sentimento que acompanha a partida, uma saudade romanceada, por vezes profunda e pondo em causa a Terra longe, onde se vai buscar um melhor modo de vida ou, simplesmente, a necessidade de ver o mundo, sair das ilhas para um encontro com outras culturas, outros modos de vida, outras mentalidades. No confronto dessas culturas, a Morna resta uma temática sentida profundamente, é um elo de união e de recordações, é a canção onde se transmite a saudade da ilha, de um antigo amor, da mãe, figura que liga o homem cabo-verdiano à terra, através de lembranças de infância, tentativa de retorno à simplicidade e ao aconchego materno. (...) A mãe é a continuação para o mornista e o cabo-verdiano da simplicidade e do amor e dos ambientes psicológicos da infância e adolescência que acompanham a alma cabo-verdiana toda a vida. (MARTINS, 1988, p. 89-90).

“Hora de Bai”, de Eugénio Tavares, traduz o drama do homem cabo-verdiano na tomada de decisão entre o partir e o ficar. Esse mote da cultura de Cabo Verde, grandemente explorado pelos escritores do movimento literário claridoso, acabou por tornar-se um *leitmotiv* da literatura desse pequeno país da costa atlântica africana.

Anteriormente ao surgimento da **Revista Claridade**, Eugénio já lidava, com certa mestria, com o conflito de sentimentos descrito: a dor de ter que partir e a vontade de não abandonar o torrão natal, a necessidade de o deixar para, num futuro não muito distante, regressar e o sonho de poder vivenciar a experiência da emigração, igualando-se a tantos conterrâneos que já o fizeram. Se o fato de deixar a sua ilha natal é algo extremamente sentido, a sua antípoda recompensa é o regresso deste a Cabo Verde.

Emigrar proporciona, a quem o faz, distinção e prestígio, que só é possível desfrutar em plenitude quando do regresso. Conforme elucida Juliana Braz Dias,

a morna tem aqui um papel fundamental na construção do regresso como um valor. Mais uma vez, ela ajuda a incentivar os cabo-verdianos a partir, fazendo da dolorosa partida apenas o outro lado da moeda para quem quer colher os frutos do valorizado retorno. Partida e regresso, morte e vida: não há como pensar um sem o outro. (DIAS, 2008, p. 181, tradução nossa).²

Inserida, ainda, no núcleo do “terra-longismo”, a morna “Despedida” associa emigração e mar, reiterando a diáde partir-voltar e carregando a partida de mágoa, tristeza, morte e luto. Regressar permanece no “doce” e “claro” campo da esperança.

Despedida

(Marinheiros que partem)

Es mágua de nha partida
El sâ tâ matam nha bida!
Se'n bai, ramede que tem,
É'n bai, 'n tornâ bem.

Mas es tristeza de'n bai,
De'n bai pa'n largâ nha Mai,
El ca triste comâ dor
De'n bai pa'n largâ nha Amor.

No cantâ co água na ôjo;
No bajâ co alma de nôjo:
Hora triste de partida
É hora de perdê bida.

Quem que ficâ, ca ta bai:
Quem que ca bai, ca ta bem:
Força que pincha'n pa'n bai,
É bo, esperança de bem!

Ó bai, ó bai, ja bo triste!
Ouro de mar, ja bo caro!

3 - “Mornas play a fundamental role by helping construct the concept of return as a value. As noted above, it encourages Cape Verdeans to leave, turning the painful departure into precisely the other side of the coin for those who want to harvest the fruits of the much valued return. Departure and return, death and life: one does not exist without the other.” (DIAS, 2008, p. 181). Tradução livre com o apoio de Verónica Oliveira Ramos, cabo-verdiana da ilha de São Vicente e jornalista pela Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP. Na busca pelo aperfeiçoamento do trabalho realizado pela falante nativa, foi feita uma revisão, acompanhada pela Professora Doutora Simone Caputo Gomes, no intuito de dar à tradução um cunho mais literário. As demais mornas citadas abaixo também foram traduzidas pela jornalista cabo-verdiana.

Despedida

(Marinheiros que partem)

Essa mágoa da minha partida
Está matando a minha vida
Se eu for, remédio não tem,
Eu fui e voltei.

Mas essa tristeza de partir
De partir e deixar minha mãe,
Isso não é triste como a dor
De partir e deixar meu Amor.

Cantamos com água nos olhos;
Dançamos com a alma de luto:
Hora triste de partida
É hora de perder a vida.

Quem fica, não parte:
Quem não parte, não volta:
A força que me empurrou para ir
És tu, esperança de voltar!

Ó partida, ó partida, tu és triste!
Ouro do mar, tu és caro!
Ó volta, ó volta, tu és doce!
Dia do retorno, tu és claro!

Em correlação ao mote da partida, o poeta desenvolve a temática da saudade, com base na imagem das andorinhas que voltam. O mar – “aberto”, “caminho” –, o vento e as asas possibilitariam o regresso à terra, ninho amado.

Andorinhas de bolta

Andorinhas de mar largo,
Que bento de lialdade
Botanhôs nes passo amargo,
Na es nos terra de Sodade?
Pamô danhôs na bontade
De torna bem nes caminho?
Ai, de bem mata sodade
De nos terra, de nos ninho?

A mi, ja'n tem nha cuidado,
Ja'n tem nha cabelo branco:
Mi é bejo, mi é manco,
Mi é um candía pagado...

Quem que é nobo, tem esperança,
Tem sê graça, tem sê fê...
Mocidade é mar na bonança;
É luz que Nos Senhor cendê...

Andorinhas de mar alto,
Nhos bem de bolta pa casa?
Triste é mi que ja esta falto
De penas bibo na asa...

(TAVARES, 1969, p. 51).

Andorinhas de volta

Andorinhas do mar aberto,
Que vento de lealdade
Coloca-nos nesse passo amargo,
Nessa nossa terra de saudades?
Por que nos deu vontade
De voltar nesse caminho?
Ai, de voltar para matar as saudades!
Da nossa terra, do nosso ninho?

Eu tenho uma preocupação,
Já estou com os cabelos brancos:
Sou velho e aleijado,
Sou um candeeiro apagado...

Quem é novo, tem esperanças,
Tem sua graça, tem sua fê...
Mocidade é o mar em bonança;
É luz que o Nosso Senhor acendeu...

Andorinhas de mar aberto,
Regressam para casa?
Triste sou eu, com falta
De penas vivas nas asas...

A terceira estrofe evoca a velhice, encarada como impossibilidade de volta do emigrado à terra-mãe: a “falta de penas vivas nas asas” e o “candeeiro apagado” são as imagens utilizadas pelo poeta para negativizar a esperança de regresso. Nessa “morna-estado-de-alma”, o sentimento que torna mais aguda a saudade é o de nostalgia (do grego *nostós*, regresso + *álgos*, dor, abatimento profundo) de quem sabe que nunca mais voltará à sua pátria.

A saudade do ser amado também alimenta a esperança de voltar, na mornística de Eugénio Tavares. O refrão do poema enfatiza o seu motivo:

Sodade de quem que'n q're!

De todo mágua des mundo,
Quel que é mas doce, mas fundo,
É quel que é dor a má fé:
É quel que tenem em pé:
É quel que ta doé más fundo:
Sodade de quem que'n q're!
Es corage de largâ
Nos luz, nos amor, nos fê,
É esperança de voltâ...
Cose és? Quem que dam el?
Es amargo todo? Es mel?
Sodade de quem que'n q're!
(TAVARES, 1969, p. 46).

Saudade de quem eu amo!

De toda a mágoa desse mundo,
Aquele que é mais doce, mais funda,
É aquela que é dor a má fé:
É aquela que nos mantém de pé:
É aquela que dói mais fundo:
Saudade da pessoa que eu quero!
Essa coragem de abrir mão
De nossa luz, nosso amor, nossa fé,
É a esperança de voltar...
Que coisa é essa? Quem me deu isso?
Esse amargo todo? Esse mel?
Saudade da pessoa que eu quero!

A dor da ausência ou saudade (do latim *solitate*, lembrança de coisas ou pessoas distantes, acompanhada do desejo de torná-las a ver ou possuir) do ente querido que ficou na terra-mãe está bem caracterizada nesse poema, que supõe partida – terra-longismo, na denominação de Manuel Ferreira – e regresso.

António Germano Lima (2001) refere-se à nostalgia e à saudade como “dois dos sentimentos que mais ligam a alma humana à sua terra-mãe e, por isso, estão intimamente ligados à separação do homem do local onde foi enterrado o seu umbigo.” (LIMA, 2001, p. 259).

A morna lírica, do estado-de-alma, é a vertente bravense para a qual mais contribuiu Nhô Eugénio, ladeado, anos mais tarde, por B. Léza. Nesse sentido, essa modalidade musical de Cabo Verde, documento de registro da consciência coletiva, recorte de um patrimônio histórico, cultural e humanístico, submetida à mestria da pena de Eugénio Tavares, torna-se, além de marca identitária do povo crioulo, um dos marcos do lirismo literário cabo-verdiano.

Abstract

The *morna*, the registration document of the collective consciousness, a piece of a historical, cultural and humanistic heritage, submitted to Eugénio Tavares's mastery of writing, will constitute, besides being an identity Creole trait, one of the landmarks of Cape Verdean literary lyricism. This paper aims at presenting a brief study on the poetic richness of Eugénio Tavares's *mornas*.

Key words: Cape Verdean literature; Eugénio Tavares; **Mornas**; Poetry.

Referências

- DIAS, Juliana Braz. Images of emigration in Cape Verdean music. In: **Transnational archipelago**: perspectives on Cape Verdean migration and diaspora. Amsterdam: Amsterdam University Press, p. 173-189. 2008
- FERREIRA, Manuel. O círculo do mar e o terra-longismo em Chiquinho de Baltasar Lopes. In: **Colóquio Letras**. n. 5, Lisboa, p. 66-70, jan. 1972.
- FERREIRA, Manuel. **A aventura crioula**. 3 ed. Lisboa: Plátano Editora, 1985.
- FERREIRA, Manuel. (Org.). **Claridade**: revista de arte e letras. 2. ed. Lisboa: África.1986.
- LIMA, António Germano. A morna: síntese da espiritualidade do povo cabo-verdiano. **Africana**. n. 6, Porto, p. 237-267, 2001.
- LOPES FILHO, João. **Imigrantes em terra de emigrantes**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2007.
- MARTINS, Vasco. **A música tradicional cabo-verdiana – I (A morna)**. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1989.

MONTEIRO, Félix (Org.). **Eugénio Tavares** – poesias, contos, teatro. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1996.

RODRIGUES, Moacyr; LOBO, Isabel. **A morna na literatura tradicional**: fonte para estudo histórico-literário e a sua repercussão na sociedade. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1996.

TAVARES, Eugénio. **Mornas** – cantigas crioulas. Luanda: Liga dos Amigos de Cabo Verde, 1969.